

COMPROMISSO AMBIENTAL DOS TRABALHADORES DA FUNDAÇÃO ALLAN KARDEC (FAK)⁸⁸: CONHECIMENTO E ATITUDE

Joice de Jesus Machado⁸⁹

Maria das Dores de Jesus Machado⁹⁰

INTRODUÇÃO

No estudo intitulado “Contribuição do Espiritismo para um comportamento ambiental consciente”, apresentado no 1º Simpósio FAK, as autoras constataram que a Doutrina Espírita tem propostas claras de utilização dos recursos que a Divindade empresta aos homens, restando a eles a decisão de mudar. Destacaram também que, se os espíritas ainda não estão trabalhando para evitar transtornos ambientais, é porque ainda não internalizaram a riqueza de conhecimentos que o Espiritismo disponibiliza e, se já adquiriram esses conhecimentos e eles ainda não repercutem em seus comportamentos, questionaram: de que vale o conhecimento doutrinário sem a reforma moral? (ANDRADE, MACHADO; MACHADO, 2009)

Diante dessas considerações e observando que na FAK as questões ambientais ainda não foram efetivamente incorporadas à pauta de estudos e atividades, optou-se neste trabalho por investigar o conhecimento e a atitude ambiental de seus trabalhadores, no intuito de encontrar alternativas que ajudem a combater a indiferença e/ou acomodação com que os trabalhadores têm se comportado em relação ao meio ambiente.

Desta forma, o objetivo deste estudo foi analisar de que forma a temática ambiental está inserida na proposta de reforma íntima dos trabalhadores da FAK, a partir do conhecimento e comportamento ambiental desses espíritas, o que permitiu aprofundar o entendimento sobre as possíveis causas deste comportamento e refletir sobre a responsabilidade individual e da instituição, na difusão e no estímulo à adoção de atitudes ambientais condizentes com a proposta espírita.

Para tanto, a pesquisa traçou um perfil socioeconômico do trabalhador da FAK; investigou seu conhecimento ambiental; mapeou seus hábitos de vida que causam impactos ao ambiente; verificou seu entendimento sobre a relação existente entre as propostas da Doutrina Espírita e o modo de vida ambientalmente correto, e pesquisou iniciativas que o Centro Espírita pode implementar para apoiar a melhoria do proceder em relação ao ambiente.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, composto de itens que responderam aos propósitos da pesquisa e cujos resultados foram analisados à luz dos conhecimentos espíritas.

Convém destacar que estudos como este são relevantes porque, por meio deles, pode-se conhecer a cada um dos grupos envolvidos, “facilitando a realização de um trabalho com bases locais, partindo da realidade do público alvo, para conhecer como os indivíduos percebem o ambiente em que convivem, suas fontes de satisfação e insatisfação”. (Faggionato in OLIVEIRA; CORONA, 2008, p.2)

PERFIL DO TRABALHADOR

Para compreender o comportamento ambiental do trabalhador da FAK e analisar as possíveis causas ou motivações relacionadas às suas atitudes e

⁸⁸ Instituição espírita sediada em Manaus – AM, fundada em 21/10/1979, e que reúne, na atualidade, cerca de 450 trabalhadores.

⁸⁹ Trabalhadora da Diretoria de Evangelização Infanto-Juvenil da FAK.

⁹⁰ Trabalhadora da Diretoria de Acolhimento da FAK.

percepções, foi fundamental traçar seu perfil socioeconômico e sua condição de espírita, por se entender que o estilo de vida que se adota está fortemente condicionado por estas características.

Dessa forma, em primeiro lugar, questionou-se há quanto tempo o trabalhador é espírita, o que permitiu avaliar o período em que a temática da reforma íntima já faz parte das reflexões do trabalhador, sendo possível esperar que, quanto maior este tempo, maior a probabilidade de ter-se adquirido bons comportamentos relacionados a si mesmo, ao próximo, a Deus e, conseqüentemente, ao ambiente.

Como resultado geral, tem-se que 24,6% dos participantes da pesquisa são espíritas há menos de 10 anos; 35,7% são espíritas de 11 a 20 anos e 39,7% já o são há mais de 20 anos. Destes percentuais, destaca-se que 24,6% contabilizam mais de 25 anos como espíritas, o que deveria sinalizar conhecimento profundo das temáticas e propostas espíritas.

Importante destacar que 60,3% dos pesquisados tornaram-se espíritas depois de adultos e que 24,6% nasceram em lar espírita ou aproximaram-se da Doutrina ainda na infância, fato que poderia facilitar a assimilação dos postulados espíritas e, portanto, a adoção de práticas coerentes com estes.

Constatou-se também que o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) é a fonte primordial de conhecimentos espíritas para o grupo de trabalhadores da FAK, tendo sido citado em 86,5% das respostas relativas a este item.

Com relação ao perfil socioeconômico dos trabalhadores foi possível observar que o grupo possui posição privilegiada em relação à sociedade brasileira em geral, haja vista que 16,1% seriam, conforme classificação do IBGE, posicionados na Classe A, 23,4% na Classe B e 38,7% na Classe C. A título de comparação, o documento O Observador, pesquisa sobre o mercado consumidor brasileiro, de 2011, estabelece que 21% da população brasileira estaria classificada como Classe AB e 53% na Classe C. (CETEM; IPSOS–PUBLIC AFFAIRS, 2011).

Além desse aspecto, 78,5% possuem nível superior ou formação superior a esta e 88,1% possuem domicílio próprio, sendo que 79,2% dos pesquisados estão em posição de arbitrar sobre as decisões domésticas, pois são chefes de família, donos de casa ou ambos.

Esses dados elucidam a responsabilidade deste grupo que está posicionado entre aqueles com maior acesso às informações sobre o ambiente, dos quais se espera, como desdobramento natural, maior senso crítico e potencial de conscientização. Conforme Belinky et al (2007):

classe social e a região do País são fatores que influenciam, consideravelmente, no grau de adesão ao consumo consciente. Consumidores de classes sociais mais baixas – D/E – exibem uma probabilidade três vezes menor de adesão ao consumo consciente. Ao contrário, nas classes altas – A/B – triplicam as chances do consumo consciente

CONHECIMENTO AMBIENTAL

A pesquisa demonstrou que a maior parte dos trabalhadores, 81,7%, consegue conceituar meio ambiente de maneira adequada, relacionando-o a “tudo o que existe ao seu redor”. Tal resposta é coerente com o fator escolaridade já apresentado.

Quanto ao nível de preocupação dos trabalhadores com as temáticas ambientais mais difundidas e mais urgentes, foi possível observar que, de maneira

geral, os problemas ambientais os preocupam muito. Dos temas elencados, o *Desmatamento* (91,3%) e a *Contaminação das Águas* (90,4%) despontam como mais preocupantes, seguidos da *Poluição do Ar* (86,4%), *Mudanças Climáticas* (84%), *Emissões de Dióxido de Carbono – CO₂* (80%), *Perda da Biodiversidade* (78,7%) e *Geração de Resíduos Sólidos* (71%).

Em uma análise preliminar, pode-se levantar a hipótese de que os itens mais citados como muito preocupantes estão relacionados à localização do grupo na Amazônia, onde estas questões têm sido debatidas frequentemente, nos diversos setores da sociedade.

Da mesma forma, como suposição, a geração de resíduos sólidos pode ter obtido o menor índice de citações como muito preocupantes em função de ser um problema ambiental diretamente relacionado ao consumo, o que, em um grupo formado por Classes A, B ou C, não é encarado como problema, mas sim como anseio, ou ainda, direito adquirido.

A relação de responsabilidade também foi inquirida na pesquisa, através de duas questões que pediam a identificação do principal responsável e daquele a quem cabe a tarefa de resolver os problemas ambientais. Nesse item, identificou-se a dificuldade do trabalhador espírita em se posicionar como parte da problemática, pois apenas 11,2% consideraram-se responsáveis pelos problemas; os demais os atribuíram ao povo, às indústrias, às pessoas mal educadas e outros. Da mesma forma, apenas 19,2% consideraram-se responsáveis por solucionar os referidos problemas, atribuindo ao povo, ao governo e outros a responsabilidade pelas mudanças que almejam enxergar no mundo.

Trigueiro (2010, p.14) alerta sobre a nossa responsabilidade pela destruição dos recursos naturais não renováveis fundamentais à vida, pois somos nós, explica o autor, pelo nosso estilo de vida, hábitos, comportamentos e padrões de consumo, os causadores desses problemas. E destaca: “É o nosso livre arbítrio em ação, determinando escolhas que têm pressionado a RESILIÊNCIA do planeta e o conforto ambiental da espécie que se considera no ‘topo da cadeia evolutiva’”.

Levados a escolher atitudes que mais se assemelham às suas, para amenizar os impactos ambientais, a maior parte, 86,3%, identificou-se com a opção “*Quando possível reciclo, compro produtos com apelo ambiental, mas não posso fazer muito*”. Esse dado é significativo, pois demonstra que há uma percepção do grupo pesquisado de que não há muito que se possa fazer a respeito do ambiente, o que evidencia uma deturpação de seu papel, uma posição de vítima no contexto e uma incoerência em relação à preocupação que declararam ter com os problemas ambientais.

COMPORTAMENTO AMBIENTAL

Além do conhecimento sobre o tema, investigou-se também a conduta relacionada ao mesmo, o que permitiu mapear a frequência de hábitos impactantes, por se considerar que as atitudes trazem consigo informações mais sólidas sobre a consciência ambiental dos trabalhadores espíritas.

Questionou-se sobre: água, energia, resíduos, alimentação, transporte, consumo e relação com a natureza. Nesses segmentos, selecionou-se de 05 a 07 bons hábitos, solicitando que o participante assinalasse a frequência de adoção mais condizente com sua realidade. As opções fornecidas foram: *sempre; quase sempre, poucas vezes e nunca*, tal como se observa a seguir:

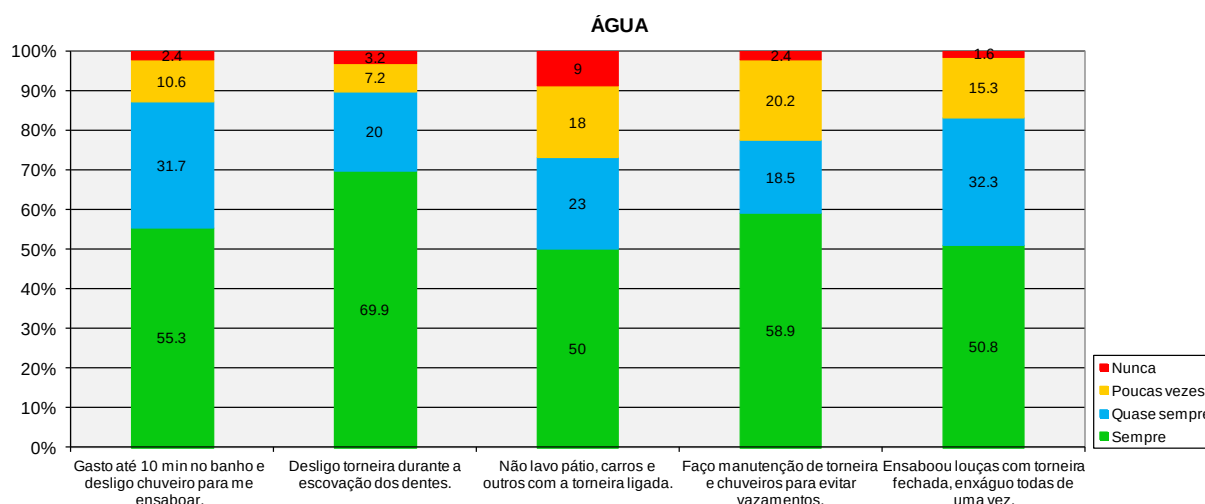


Gráfico 1- Água

Em relação à **ÁGUA**, observa-se que 87% dos participantes afirmaram que sempre ou quase sempre gastam até 10 minutos no banho e desligam o chuveiro para se ensaboar; 89,6%, sempre ou quase sempre, desligam a torneira durante a escovação dos dentes; e 73% declaram que não lavam pátio, carros e outros com a torneira ligada. No item referente à manutenção de torneiras e chuveiros para evitar vazamentos, 77,4% afirmaram que sempre ou quase sempre tomam essa providência, ao mesmo tempo em que 83,1%, sempre ou quase sempre, ensaboam louças com a torneira fechada e as enxáguam todas de uma vez. Esses dados permitem observar que, em sua maioria, os pesquisados têm bons hábitos em relação à água, não se sabe se por consciência ambiental ou por questão financeira.

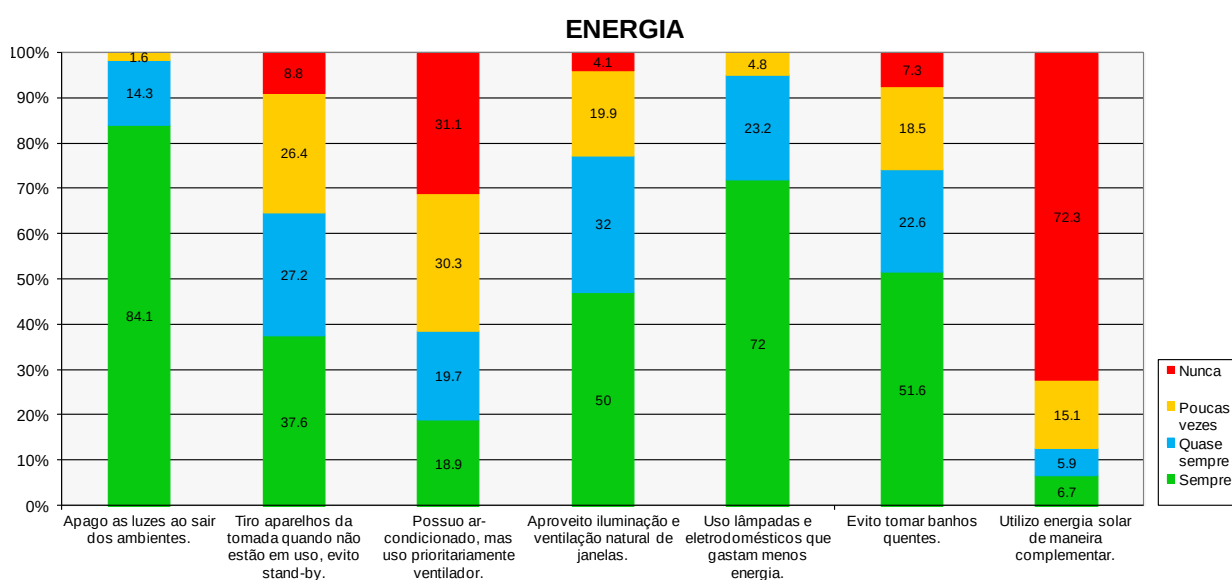


Gráfico 2- Energia

Quanto à **ENERGIA**, ao serem questionados sobre o hábito de apagar as luzes ao saírem dos ambientes, 98,4% disseram que sempre ou quase sempre fazem isto; entretanto, só 64,8% disseram que, sempre ou quase sempre, tiram os aparelhos das tomadas quando não estão em uso; 38,6% priorizam ventiladores, apesar de possuírem ar condicionado, enquanto 61,4% fazem isso poucas vezes ou nunca. Quanto ao aproveitamento de iluminação e ventilação natural de janelas,

82%, sempre ou quase sempre, têm esse hábito; 95,2% declararam que usam lâmpadas e eletrodomésticos que gastam menos energia; 74,2%, sempre ou quase sempre, evitam tomar banhos quentes e apenas 12,6% utilizam energia solar de maneira complementar.

Comparando o consumo de água ao de energia, observou-se que os participantes demonstraram comportamentos menos cuidadosos com a energia, embora estes se reflitam, também, diretamente nos gastos domésticos. O percentual referente à energia solar, apesar de baixo (12,6%), foi surpreendente, pois apesar de conhecida, esta tecnologia é pouquíssimo utilizada em Manaus.

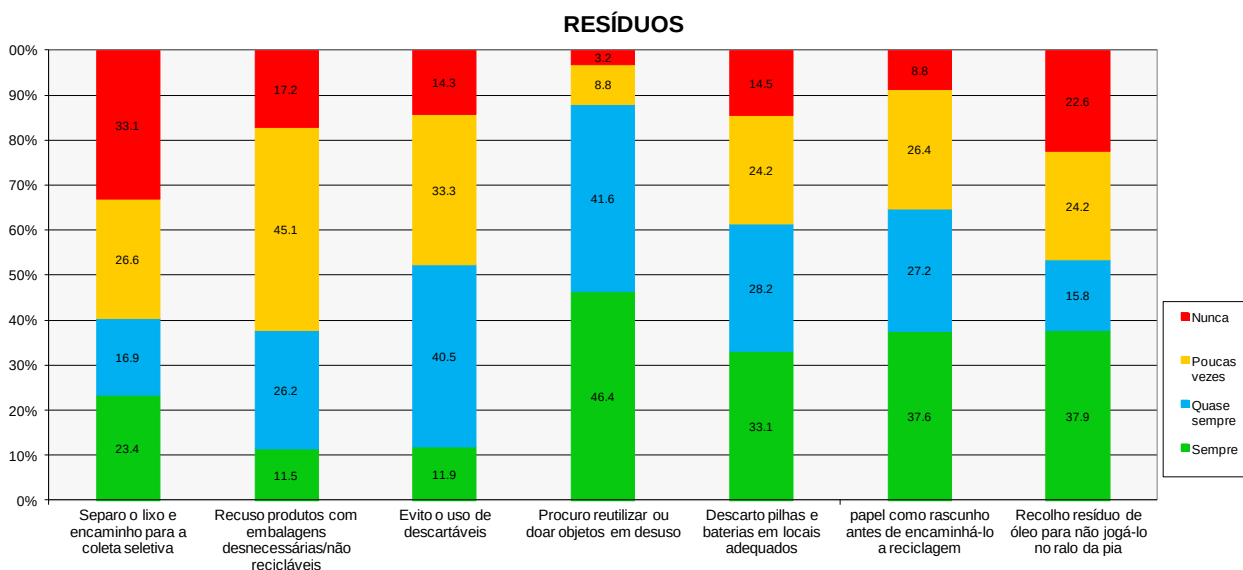


Gráfico 3- Resíduos Sólidos

Na questão referente a RESÍDUOS, 40,3% declararam que, sempre ou quase sempre, “separam o lixo e o encaminham para a coleta seletiva”, enquanto 57,7% fazem isso poucas vezes ou não o fazem; quanto à “compra de produtos embalados em materiais desnecessários, não recicláveis”, 37,7% afirmaram que sempre ou quase sempre recusam esses produtos, enquanto 62,3% disseram que poucas vezes ou nunca fazem isso; quanto ao “uso de descartáveis”, 52,4% disseram que, sempre ou quase sempre, têm essa atitude, enquanto 47,6%, poucas vezes ou nunca evitam usá-los; em relação à “reutilização ou doação de objetos em desuso”, a grande maioria, isto é, 88%, sempre ou quase sempre, agem assim; sobre o “descarte de pilhas e baterias em locais adequados”, 61,3% declararam que assim o fazem, sempre ou quase sempre, os demais, 38,7%, poucas vezes ou nunca; quanto ao “uso de papel como rascunho antes de encaminhá-lo à reciclagem”, 64,8% responderam que sempre ou quase sempre, enquanto 35,2% poucas vezes ou nunca o fazem; quanto ao recolhimento dos resíduos de óleo para não jogá-lo no ralo da pia, 53,2% afirmaram que sempre ou quase sempre agem assim, enquanto 46,8% poucas vezes ou nunca têm essa atitude.

Neste item, foi possível constatar que, com exceção da “reutilização ou doação de objetos em desuso”, e do “uso de papel como rascunho antes de encaminhá-lo à reciclagem”, há uma carência de bons hábitos em torno de 50% dos participantes.

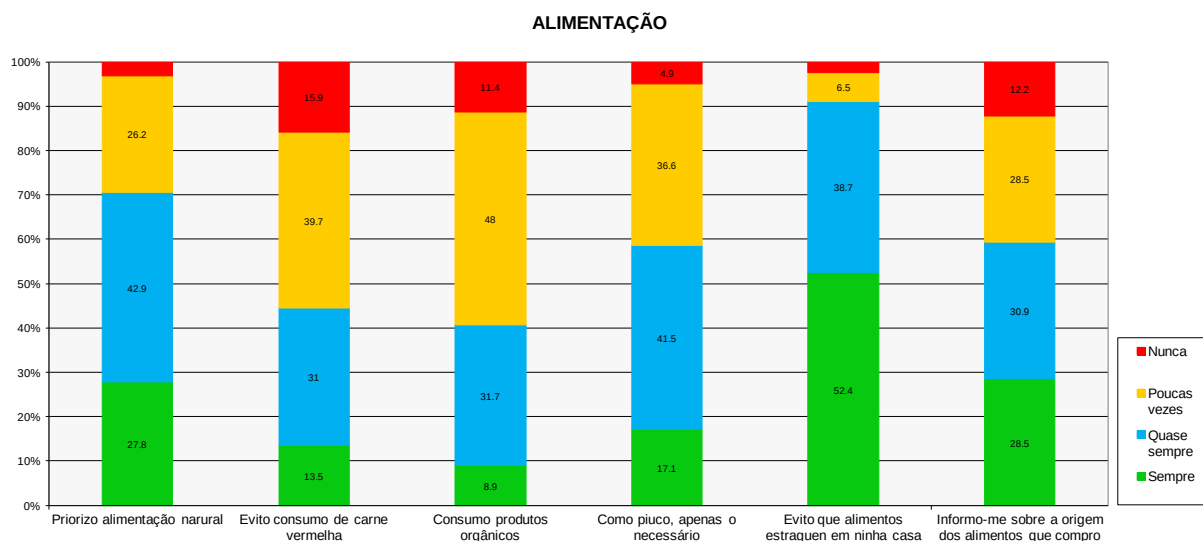


Gráfico 4- Alimentação

Questionados quanto à ALIMENTAÇÃO, 70,7% afirmaram que sempre ou quase sempre “priorizam a alimentação natural”; 44,5% afirmaram que, sempre ou quase sempre, “evitam consumir carne vermelha”, enquanto 55,5% poucas vezes ou nunca fazem isso; quanto ao “consumo de produtos orgânicos”, 40,6% responderam que sempre ou quase sempre os consomem, enquanto 59,4%, poucas vezes ou nunca; quanto ao “hábito de comer pouco, só o necessário”, 58,5% declararam fazer isto sempre ou quase sempre, enquanto 41,5% fazem isto poucas vezes ou nunca; quanto ao cuidado para “evitar que alimentos se estraguem em suas casas”, a grande maioria, 91,1% declarou que sempre ou quase sempre evitam isso; e questionados se “procuram informar-se sobre a origem dos alimentos que compram”, 59,4% disseram que fazem isso sempre ou quase sempre, os demais, 40,6%, poucas vezes ou nunca se informam.

Também em relação à alimentação, foi possível observar que uma grande maioria, ou seja, 70,7% e 91,1%, respectivamente, já priorizam a alimentação natural e evitam que alimentos se estraguem. Nos demais itens, ainda se observam comportamentos que demonstram a não aplicação dos conhecimentos adquiridos.

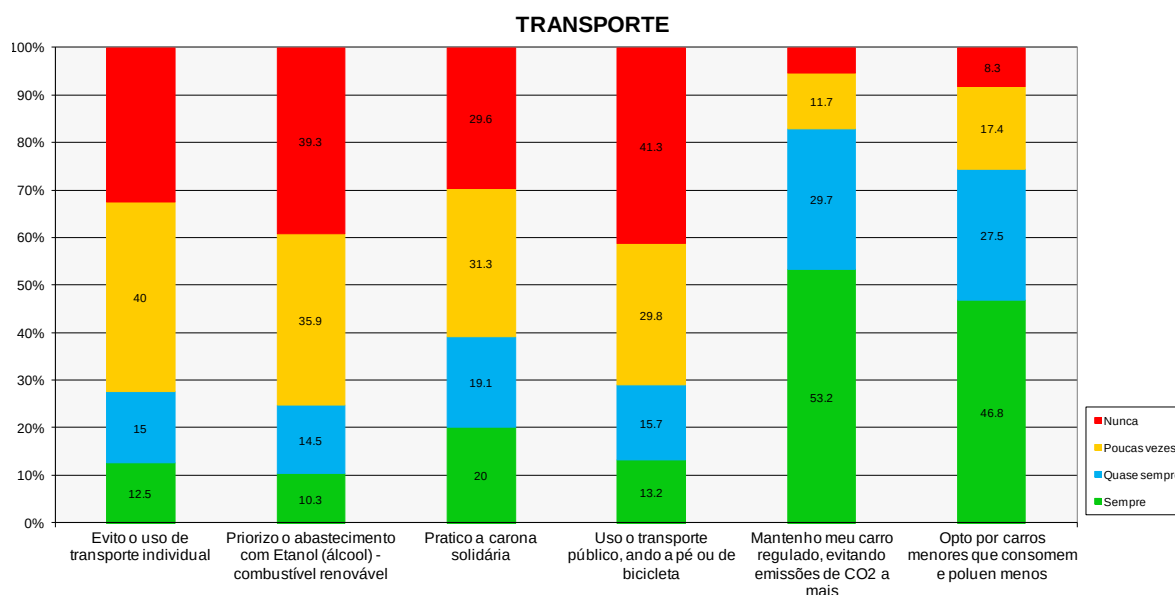


Gráfico 5- Transporte

Nas questões referentes ao TRANSPORTE, observou-se que 27,5% afirmaram que, sempre ou quase sempre, “evitam o uso de transporte individual”, enquanto a maioria, 72,5% faz isso poucas vezes ou nunca; da mesma forma, apenas 24,8% declararam que, sempre ou quase sempre, “priorizam o etanol (combustível renovável)”, enquanto a maioria, 75,2%, poucas vezes ou nunca priorizam; quanto à “prática da carona solidária”, 39,1% disseram que, sempre ou quase sempre, a praticam, enquanto 60,9%, poucas vezes ou nunca. Quando questionados se “evitam o transporte individual, se andam a pé ou de bicicleta”, 28,9% responderam que sempre ou quase sempre, e a maioria, 71,1% respondeu que poucas vezes ou nunca; entretanto, quando questionados se “mantêm seus carros regulados, evitando emissões a mais de CO₂”, 82,9% disseram que sempre ou quase sempre; a maioria também, 74,3%, declarou que, sempre ou quase sempre, “optam por carros pequenos que consomem e poluem menos”.

Com exceção dos dois últimos itens referentes à regulação dos carros e opção por carros menores, em que 82,9% e 74,3%, respectivamente, fazem isto sempre ou quase sempre; nos demais itens, a maioria demonstrou ausência de bons hábitos, apesar de terem influência direta nos gastos domésticos e impactos ambientais amplamente propagados em campanhas ambientais.

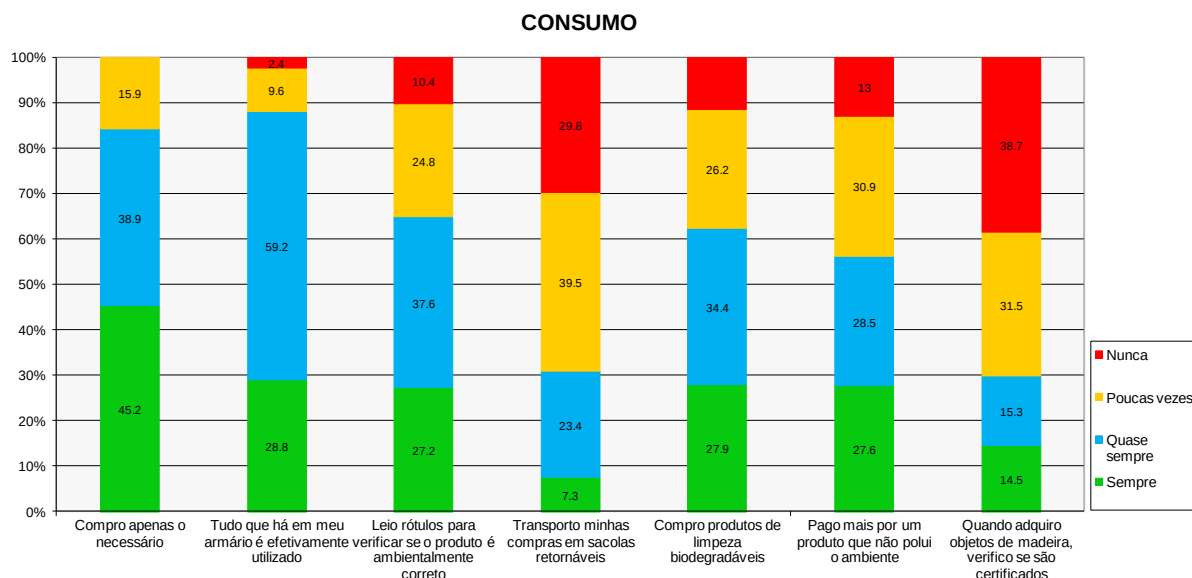


Gráfico 6- Consumo

Questionados sobre CONSUMO, 84,1% afirmaram que, sempre ou quase sempre, compram apenas o necessário; 88% também disseram que, sempre ou quase sempre, “utilizam efetivamente tudo que está em seu armário”; 64,8% declararam que, sempre ou quase sempre, “lêem os rótulos para verificar se o produto é ambientalmente correto”, os demais, 35,2%, fazem isso poucas vezes ou nunca; apenas 30,7% declararam que, sempre ou quase sempre, “transportam suas compras em sacolas retornáveis”, enquanto 69,3% fazem isso poucas vezes ou nunca; 62,3% também declararam que, sempre ou quase sempre, “compram produtos de limpeza biodegradáveis”, os demais, 37,7%, poucas vezes ou nunca fazem isso; 56,1% declararam que, sempre ou quase sempre, “estão dispostos a pagar mais por um produto que não polui”, os demais, 43,9%, poucas vezes ou nunca se dispõem a isso; 29,8% declararam que, sempre ou quase sempre, “ao adquirir objetos de madeira, verificam se são certificados” e a maioria, 70,2%, poucas vezes ou nunca faz isso.

Embora a maioria dos participantes tenha declarado que ao adquirir objetos de madeira não verifica se são certificados, nos demais itens, esta maioria declarou ter bons hábitos de consumo, o que já demonstra uma certa consciência deste grupo com este item, cujas atitudes são aquelas que dependem unicamente de uma vontade pessoal para serem realizadas.

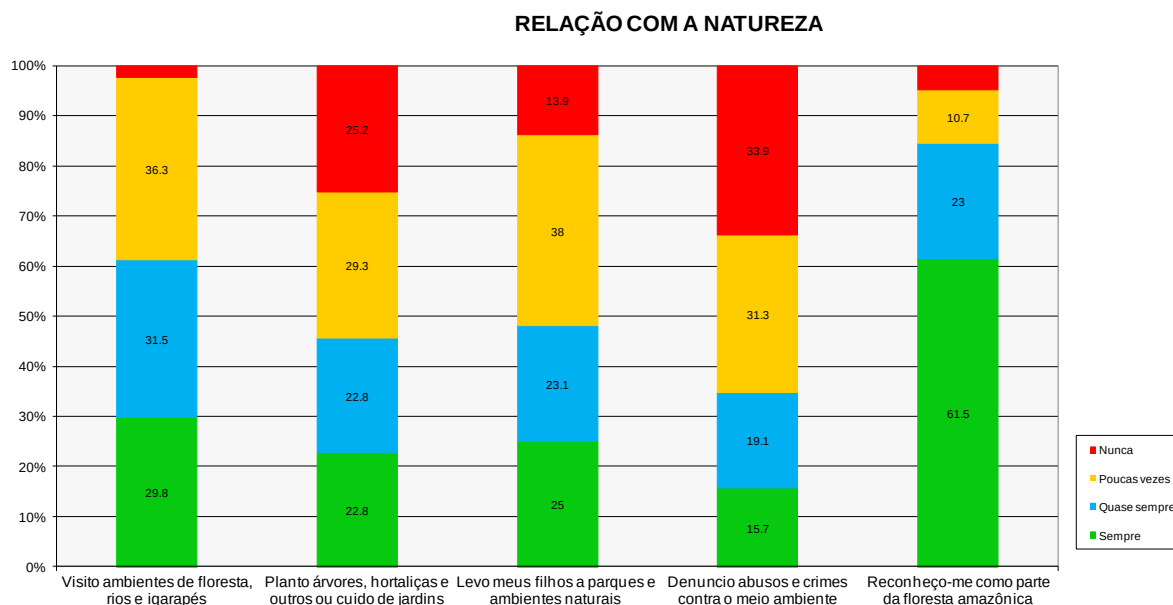


Gráfico 7- Relação com a Natureza

Ao serem investigados sobre sua **RELAÇÃO COM A NATUREZA**, 61,3% dos participantes afirmaram que, sempre ou quase sempre, “visitam ambientes de florestas, rios e igarapés”, os demais, 38,7%, fazem isso poucas vezes ou nunca; 45,5%, sempre ou quase sempre, “plantam árvores, hortaliças e outros e cuidam de jardins”, os demais, 54,5%, poucas vezes ou nunca fazem isso; 48,1% disseram que sempre ou quase sempre “levam seus filhos a parques e ambientes naturais, os demais, 52,9%, poucas vezes ou nunca fazem isso. Quanto à “denúncia de abusos e crimes contra o meio ambiente”, só 34,8% fazem isto, sempre ou quase sempre, os demais, 65,2%, fazem poucas vezes ou nunca. Finalmente, questionados se reconhecem a si como parte da floresta amazônica, 84,5% responderam que sempre ou quase sempre e apenas 15,5%, poucas vezes ou nunca.

Nesta questão, embora 84,5% se considerem parte da floresta amazônica e 61,3% sempre ou quase sempre visitem ambientes de florestas, rios e igarapés, nos demais itens, mais de 50% dos participantes declararam não desenvolver os bons hábitos mencionados, o que demonstra, sobretudo, descaso ou desatenção dos pais em relação à formação de seus filhos. Para Vale (2009), a educação das novas gerações deve começar desde a mais tenra idade, pois o processo educativo não se faz com bravatas e aforismos, mas através de exemplos.

CONTRIBUIÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA PARA UM COMPORTAMENTO AMBIENTAL CONSCIENTE DE SEUS TRABALHADORES

À pergunta “Você considera que o Centro Espírita deve desenvolver atividades que promovam a conscientização ambiental de seus trabalhadores?”, 98,4% dos participantes responderam “sim” e sugeriram as atividades abaixo relacionadas como possíveis de serem realizadas pelos Centros Espíritas:

a) A mais mencionada foi a realização de palestras educativas sobre temas ambientais, tanto na Diretoria de Estudos Doutrinários, quanto na de Apoio à Melhoria Interior e na de Evangelização Infanto-juvenil;

b) Realização de estudos, cursos, seminários, treinamentos e outras dinâmicas, para crianças, jovens e adultos, de modo a conscientizá-los sobre a importância do

cuidado com o ambiente, incluindo temas como: coleta seletiva, redução do uso de descartáveis; reaproveitamento de materiais e outros;

c) Adequação da proposta pedagógica das escolas de evangelização infantil, juvenil e adulta;

d) Promoção de campanhas de conscientização (envolvendo trabalhadores e frequentadores) contra o desperdício, incentivando: uso consciente de descartáveis, adoção de canecas, economia de água e energia, reutilização de papel, utilização da energia solar, coleta seletiva, reciclagem, carona solidária e alimentação natural, por meio de panfletos, cartazes, atividades artísticas e outras;

e) Promoção de atividades de jardinagem, hortas e outras que estimulem o contato com a natureza e o uso correto dos recursos naturais; mutirões de limpeza e conservação do patrimônio;

f) Implantação na FAK de coletores seletivos, de papel reciclado e de canecas,

g) Incentivo à leitura;

h) Realização de visitas a florestas, zoológicos, parques botânicos e instituições de proteção ambiental;

i) Criação da Semana Ecoespírita, da Caminhada do Meio Ambiente, do Dia do Meio Ambiente na FAK e outros eventos desta natureza.

Estas atividades, tal como se lê em Trigueiro (2010), além das mudanças comportamentais, tão necessárias e urgentes no momento atual, poderão promover uma reflexão que conduzirá os espíritas a um maior engajamento e participação coletiva nos diferentes espaços por onde transitam (casa, trabalho, escolas, clubes e outros), pois sem uma profunda mudança nos planos individual e coletivo da vida, não alcançaremos a utopia de vivermos num mundo melhor e mais justo, um mundo sustentável.

ANÁLISE DO CONHECIMENTO VERSUS ATITUDE

Pelos dados apresentados, foi possível constatar que os bons hábitos, de maneira geral, ainda não estão efetivamente incorporados ao cotidiano dos trabalhadores da FAK. A frequência “Sempre” foi assinalada, em média, 43,4% nas respostas apresentadas.

Esses resultados suscitaram o seguinte questionamento: por que tal grupo, com as características já descritas, portando como diretriz sua espiritualização, com claras propostas de desapego aos bens materiais, respeito à criação de Deus e amor ao próximo, ainda age de maneira inadvertida acerca de seu comportamento em relação ao meio ambiente?

Este questionamento não representa um julgamento das atitudes dos pesquisados, mas uma tentativa de compreender, com maior profundidade, os mecanismos que regem a compreensão do problema e, portanto, a tomada de decisão sobre esses hábitos, a fim de que se possa sugerir intervenções e alternativas mais eficazes de conscientização do espírita acerca de sua responsabilidade com o meio ambiente.

Elucidando as causas, o questionário demonstrou que apenas 43% dos participantes declararam ter lido alguma obra ou texto espírita sobre ambiente. Por outro lado, apesar da falta de contato com a temática através da literatura espírita, 97,6% dos entrevistados relacionaram responsabilidade ambiental à reforma íntima e justificaram suas respostas através de diversas explicações, entre as quais:

- A reforma íntima combate o materialismo, o consumismo e o egoísmo, pois ela não se efetiva sem que se pense no outro e na coletividade;

- O homem tem o dever de cuidar das obras de Deus, e o cuidado com o ambiente representa respeito às Suas leis;
- Como parte do ambiente, o homem precisa cuidar do planeta e isso só será possível com atitudes construtivas e cristãs;
- Só com a reforma íntima estaremos preparando o mundo de regeneração e nossas futuras reencarnações;
- A reforma íntima inclui todas as responsabilidades do homem, consigo mesmo, com o próximo e com Deus;
- A mudança individual resultará em uma sociedade melhor, pois a reforma íntima visa à melhoria do homem em todos os aspectos.

As justificativas apresentadas demonstram que já existem reflexões sendo sedimentadas no sentido de moralizar a relação do homem com o ambiente, a partir de uma ampliação da abrangência das propostas de mudança de comportamento. O bom proceder ambiental seria desdobramento natural de uma vida mais equilibrada e harmonizada com as leis de Deus.

Não há equívoco nesta ideia, entretanto, essa percepção pode esconder um posicionamento que parece intrínseco nas declarações e resultados da pesquisa. Tomada de maneira vaga e utópica, como um desejo futuro, desdobramento de outra circunstância da vida e da sociedade, a questão ambiental carece do senso de urgência e de uma abordagem mais pragmática sobre sua importância. Sobre essa questão, elucida Trigueiro (2010, p.46):

Se o suicida escolhe matar o corpo, e isso acaba acontecendo pela vontade de seu livre-arbítrio, o mesmo pode acontecer coletivamente se nossas escolhas não forem repensadas, se não empregarmos tempo e energia suficientes na solução desses problemas, causados por nós mesmos. Hoje, apesar de amplos e detalhados diagnósticos sobre a situação cada vez mais precária dos ecossistemas, não se percebe um senso de urgência que oriente a tomada de decisão no rumo certo.

Além disso, viver no Amazonas, ao invés de ressaltar as responsabilidades de seus habitantes, pode acabar por camuflá-las, haja vista ser esta uma região abençoada, como nenhuma outra, por riquezas naturais e de uma magnitude e escala que ainda não permitem vislumbrar os efeitos da falta de cuidado da qual é vítima. Ainda não faltam água, alimentos, biodiversidade, massa verde etc.

Outro aspecto por detrás das respostas é a desconexão das preocupações ambientais com as atitudes. A falta de pragmatismo nas reflexões acerca do ambiente faz com que os posicionamentos sejam colocados em âmbito que foge à responsabilidade individual. É preciso salvar as árvores e limpar os rios, mas adquirir produtos certificados ou monitorar a eficiência do tratamento de esgoto de suas casas, ainda não.

A essa situação soma-se uma posição irrefletida de proteção ao estilo de vida, que, coerente com as demandas da “Sociedade de Consumo” e com as características socioeconômicas do grupo, ainda valoriza como símbolos de trajetórias bem-sucedidas os bens materiais e o nível de conforto e comodidade com o qual se usufrui dos recursos naturais disponíveis. As conquistas materiais seriam direitos adquiridos pelo trabalho e estudo, e os impactos adversos dessas atitudes seriam resultados inexoráveis, que não podem ser evitados por se tratarem de mérito pelo esforço despendido. Nesse sentido, o grupo, embora espírita, não consegue estar imune às influências do mercado:

(...) componente cultural extremamente complexo que se manifesta na universalização de estilos de vida, caracterizada pela fixação de certos padrões sociais e aspirações de consumo através da expansão de uma cultura baseada em pesquisas de mercado, que concretiza através de objetos como vídeos, músicas, automóveis, jeans, enfim, toda uma parafernália voltada para atender desejos e necessidade criados por uma sociedade que depende dessa economia para continuar existindo. (Feldman in TRIGUEIRO, p. 59)

Compreendendo, de maneira mais profunda, as propostas de desapego, de espiritualização, de combate ao orgulho, egoísmo e materialismo, amor ao próximo e a Deus, aplicando-as na relação com o ambiente, o trabalhador espírita disporá de argumentos mais firmes e poderosos que qualquer segmento social para adotar novos hábitos, pois estará amparado pela lógica incontestável da necessidade de se tornar um Homem de Bem.

Se interroga a sua consciência sobre os próprios atos, pergunta se não violou essa lei, se não cometeu o mal, se fez todo o bem que podia, se não deixou escapar voluntariamente uma ocasião de ser útil, se ninguém tem do que se queixar dele, enfim, se fez aos outros aquilo que queria que os outros fizessem por ele. (...)

Seu primeiro impulso é o de pensar nos outros, antes que em si mesmo, de tratar dos interesses dos outros, antes que dos seus. O egoísta, ao contrário, calcula os proveitos e as perdas de cada ação generosa(...)

Todos os seus esforços tendem a permitir-lhe dizer, amanhã, que traz em si alguma coisa melhor do que na véspera (...)

Usa mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe tratar-se de um depósito, do qual deverá prestar contas, e que o emprego mais prejudicial para si mesmo, que poderá lhes dar, é pô-los a serviço da satisfação de suas paixões (...)

O homem de bem, enfim, respeita nos seus semelhantes todos os direitos que lhes são assegurados pelas leis da natureza, como desejaria que os seus fossem respeitados. (KARDEC, 2010 p.307)

Ao incorporar essa análise, atitudes como separação do lixo, adoção do consumo consciente ou oferecimento da carona solidária passarão a ter tanta importância quanto o oferecimento de um prato de sopa ao próximo, pois farão parte da mesma proposta de harmonização com a Providência Divina, uma prestação de contas de que se está utilizando os recursos por Ela emprestados de maneira correta.

A comparação com a caridade na forma da beneficência, neste caso, é elucidativa. O grupo decerto já está convencido e mobilizado na dedicação por algumas horas semanais ao trabalho em prol de outrem, do bem. Essa disposição vem do seguinte entendimento: ainda que não se vá acabar com a fome, ou promover uma revolução social, cada hora dedicada aproxima-os do ideal de homem de bem.

Essa mesma disposição poderia ser aplicada à responsabilidade ambiental. Ainda que se saiba que os grandes problemas mundiais só poderão ser equacionados mediante uma mobilização global da sociedade (assim como os problemas sociais), é necessário que cada um adote outros hábitos de vida, não pelo resultado efetivo em termos de impacto, mas pelo compromisso pessoal com a melhoria interior. Ninguém deixa de perdoar pelo fato de tantos ainda cultivarem o ódio.

Nessa lógica, ao observar a quantidade de resíduos gerada e se propor a implantar a coleta seletiva e os 3R (reduzir, reutilizar e reciclar) em suas residências,

não o farão apenas por modismo ou pressão social, mas por compreender a necessidade de avaliar incessantemente o consumo, diminuindo anseios e optando por uma vida mais simples; ainda que se possa adquirir mais, com mais embalagens e menor vida útil, estar-se-á pensando em nossos irmãos catadores, que podem se beneficiar dos resíduos e também em todos aqueles que serão prejudicados pelo esgotamento dos aterros sanitários, contaminação dos lençóis freáticos, entre outros desdobramentos. Será expressa em atitudes diárias, o desejo de deixar um legado positivo, um rastro limpo por onde passar nesta encarnação.

A problemática ambiental força o olhar a distanciar-se do que é apenas seu e imediato, em um movimento geral contra o egoísmo e o materialismo, uma vez que, para alcançar todos os impactos ocasionados, é forçoso considerar o outro, dando ao termo “próximo” uma conotação mais abrangente.

O “agora” também perde sua importância, pois em se tratando das questões ambientais, é necessário pensar em décadas, em gerações (ou ainda, reencarnações), o que possibilita ampliar a escala de tempo da vida, sendo um exercício de ampliação dos horizontes que reforça a busca pela espiritualização.

Já é sabido que um esgoto sem tratamento poderá afetar o lençol freático e contaminar um sem número de pessoas, assim como se sabe que a queima de combustível fóssil ocasionada pela enorme frota de veículos pode piorar os efeitos do aquecimento global, tornando os flagelos das secas de nossos irmãos africanos ainda mais agressivos. Portanto, ao escolher a adoção de outros hábitos, estar-se-á oferecendo uma nobilíssima, ainda que diminuta, contribuição, cujos resultados imediatos não serão vistos. Exercício duplo de amor a Deus e de confiança em Sua providência.

A compreensão da teia global e o reconhecimento do papel de cada um no bem-estar da humanidade ampliam os horizontes da relação com Deus, e obrigam o homem a viver não apenas pensando no seu bem-estar imediato, mas na coletividade e no futuro.

CONCLUSÃO

Atendendo ao objetivo proposto, foi possível, através da análise dos dados coletados, concluir que apesar de 97,6% dos participantes da pesquisa relacionarem responsabilidade ambiental à reforma íntima, o compromisso ambiental ainda não está, de fato, inserido na proposta de melhoria dos trabalhadores da FAK, pois não obstante o conhecimento e as preocupações demonstrados, suas atitudes ainda não refletem a adoção de comportamentos ambientais condizentes com a proposta espírita.

De fato, não se pode negar que, em uma “Sociedade de Consumo”, na qual se recebe diariamente milhares de estímulos focados na valorização do imediatismo e materialismo, a renúncia ao consumo é um grande desafio. Possuindo carro, quem opta voluntariamente pelo transporte público, por estar preocupado com as emissões de CO²?

Entretanto, face às hipóteses levantadas como possíveis causas desses comportamentos, constatou-se que quaisquer que sejam os mecanismos cognitivos que ainda impedem os homens de encarar a responsabilidade ambiental como tarefa cotidiana de reforma íntima, o grupo em análise tem uma ferramenta fundamental: o conhecimento espírita, posto que a estrutura desse conhecimento é uma proposta de educação integral para a personalidade humana. (SIQUEIRA, s/d)

A caminhada rumo a uma sociedade sustentável está claramente sintonizada com as demandas do processo de transição para um mundo de regeneração. Ser

sustentável, ou ambientalmente responsável, é um convite à reflexão constante sobre o impacto de ações cotidianas para cada indivíduo, para o próximo, para o planeta e, também, para as gerações futuras.

Assim, simplificar e minimizar o materialismo, adotando consumo consciente, exercitando o desapego, convertendo os recursos em bem para o próximo, avaliando constantemente os impactos do estilo de vida no planeta, com a adoção, ainda que em detrimento de conforto, de hábitos ecologicamente corretos e buscando o estreitamento da relação com as obras do Pai, é a recomendação que resulta deste trabalho, seja para o trabalhador, seja para o Centro Espírita.

A aparente impossibilidade de mudança no sistema como um todo não pode continuar imobilizando o homem, pois a busca por reforma íntima integral o faz andar na contramão do consumo e do impacto, em prol da sustentabilidade e do bem-estar coletivo, reconhecendo que apesar da difícil tarefa de adotar um estilo de vida que vá de encontro às expectativas sociais, estará adotando um exercício de vida que o levará a conquistas espirituais.

Nesse sentido, o Centro Espírita deve colaborar apoiando seus trabalhadores e frequentadores na busca dessa mudança, pois conforme Amadio e Santos (2009), aqueles que já possuem essa clareza devem iniciar sua reforma íntima, transformando-se em verdadeiro centro de harmonia e de irradiação, promovendo a mudança coletiva e o esclarecimento do papel de cada um na evolução da vida.

Referências Bibliográficas

AMADIO, Sidineia Aparecida; SANTOS, José Laurindo C. *Terra nossa de cada encarnação: em busca do progresso harmonioso*. In: Anais do I Simpósio FAK. Manaus: Fundação Allan Kardec, 2009, p.224-231.

ANDRADE, Ana Maria dos S.; MACHADO, Joice de Jesus; MACHADO, Maria das Dores de J. *Contribuição do Espiritismo para um comportamento ambiental consciente*. In: Anais do I Simpósio FAK. Manaus: Fundação Allan Kardec, 2009, p.238-245.

BELINKY, Aron et al. *Pesquisa nº. 7 - 2006: como e por que os brasileiros praticam o consumo consciente?* São Paulo: Instituto Akatu, 2007. Disponível em <<http://www.akatu.org.br/Content/Akatu/Arquivos/file/Publicacoes/4-Pesquisa7.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2011

CETELEM; IPSOS–PUBLIC AFFAIRS. *O Observador Brasil 2011*. Barueri –SP, 2011. Disponível em: <http://www.cetelem.com.br/porta1/Sobre_Cetelem/Observador.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2011

OLIVEIRA, Kleber Andolfato; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. *A Percepção Ambiental como Ferramenta de Propostas Educativas e de Políticas Ambientais*. Disponível em: <<http://www.amigosdanatureza.org.br/revista/artigos/6f8ee05efd7824581c7552f541bed373.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2011

KARDEC, Allan. *Evangelho segundo o Espiritismo*. 129. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

SIGUEIRA, André Henrique. Natureza do conhecimento espírita. *S/d*. In: _____, *A revolução espírita*. *S/d*. Disponível em: <www.espiritualidade.com.br/>. Acesso em: 16 set. 2010.

TRIGUEIRO, André. *Espiritismo e ecologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

VALE, Júlio Daniel. *O espírita e o meio ambiente: o discurso e a prática*. In: Anais do I Simpósio FAK. Manaus: Fundação Allan Kardec, 2009,